

Entrevista com Fábio de Souza Lessa: observações acerca do estudo dos usos do corpo na Antiguidade

*Interview with Fábio de Souza Lessa: notes regarding the study of
the uses of the body in Antiquity*

Fábio de Souza Lessa*

Fábio de Souza Lessa possui bacharelado e licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado e doutorado em História Social pela mesma instituição. Professor Titular da UFRJ, é também vinculado aos Programas de Pós-Graduação em História Comparada e ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, ambos da UFRJ. É integrante do Laboratório de História Antiga (UFRJ), do Laboratório de História do Esporte e do lazer (UFRJ), do Núcleo de Estudos e Representações e de Imagens da Antiguidade (UFF) e do ATRIUM – Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade (UFRJ). Em âmbito internacional, o docente integra o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e colabora com o Centro de Estudios Helénicos da Universidad Nacional de La Plata. Especialista em Grécia Antiga, nosso entrevistado se dedica aos estudos de História do Gênero e das relações de poder; feminino e masculino em Atenas; construção de identidades e alteridades na *pólis*; práticas corporais gregas e práticas esportivas na Grécia antiga. Além disso, foi o primeiro diretor do Instituto de História da UFRJ e é editor da Revista *Phoînix*, periódico vinculado ao Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ.

1. Larissa Rodrigues Sathler: No decorrer de sua trajetória acadêmica, torna-se evidente seu interesse pelos usos do corpo na Atenas Clássica, com destaque para os atletas e suas experiências corporais. O que o levou a explorar esse campo de pesquisa?

Fábio de Souza Lessa: De imediato, gostaria de agradecer o convite para participar de mais um número da *Romanitas*, uma revista já consolidada na nossa área de estudo, com a presente entrevista. Quanto à minha trajetória, posso mencionar que desde a

* Entrevista concedida a Larissa Rodrigues Sathler em 8 de dezembro de 2022.

pesquisa para o mestrado sobre os “desvios” das esposas legítimas diante do modelo ideal feminino, o da mulher-abelha (*mélissa*), eu já vinha dialogando com as questões vinculadas à Antropologia do Corpo, mas de forma ainda tímida. Já havia observado que a representação do corpo feminino, muito semelhante ao masculino, não era resultante de um desconhecimento dos artesãos (aqui me refiro às imagens pintadas em suporte cerâmico) sobre o corpo das mulheres, mas sim da opção pelo padrão geométrico e aritmético de representação dos corpos – o pentagrama estrelado. No doutorado, a pesquisa com a partição feminina nas redes sociais informais ganhou uma abordagem mais antropológica e o diálogo com a Antropologia do Corpo foi mais presente. No final do doutorado, percebi que as práticas esportivas, objeto pouco estudado no País, me permitiria unir dois recortes teóricos que me interessam no momento – e continuam a interessar –, a saber: a Antropologia do Corpo e as relações de gênero. Já havia, em fins dos anos 1990, uma crítica ao fato de o gênero ser *reduzido* muitas vezes apenas ao feminino e paralelamente a essa discussão tínhamos vários debates sobre a crise da masculinidade. Uma forma de unir o masculino às discussões das relações de gênero e de corpo foi refletir acerca dos *agônes* (disputas) esportivos no mundo grego antigo. Dessa forma, o corpo ganhou protagonismo, pois defendo que o movimento, em especial dos corpos, pode explicitar a dinâmica da pólis e da forma de governo democrática, no caso ateniense.

2. Na década de 1980, os historiadores começaram a se dedicar cada vez mais a projetos de investigação que tinham como eixo principal o amor e a sexualidade. Aline Rousselle (1983), por exemplo, estudou a sexualidade e o amor no Mundo Antigo; Paul Veyne (1984), por sua vez, estudou o aborto e a homossexualidade na Roma antiga, ao passo que Peter Brown (1988) abordou a renúncia do sexo no contexto do cristianismo primitivo. Seria possível afirmar que estes estudos, no que diz respeito à História do Corpo na Antiguidade, são textos fundadores?

R: As obras mencionadas de Aline Rousselle, Paul Veyne e Peter Brown foram e são, sem dúvida, balizadores para os estudos de novas temáticas, nas quais se inserem as abordagens sobre o corpo, pelos pesquisadores de Antiguidade. Destaco a obra organizada, em 1982, por Philippe Ariès e André Béjin – *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*, na qual Veyne publicou o artigo por você mencionado. Faço menção a ela por ser uma obra que considero um marco para a compreensão das questões que iremos discutir no decorrer de nossa conversa. Porém, nos anos 1970, essas preocupações com temáticas mais culturais já se faziam presentes na obra *A Homossexualidade na Grécia antiga* (1978), de Kenneth J. Dover, por exemplo. Foi a leitura

de Dover que conduziu, inicialmente, as minhas pesquisas, ainda nos anos 1990, para uma atenção maior às representações dos corpos femininos e masculinos na imagética ática. Sua obra despertou minha atenção para a representação muito semelhante dos corpos femininos e masculinos na cerâmica ateniense, fazendo-me refletir sobre a questão e me inquietando até a atualidade. O corpo e suas representações constituem um campo profícuo para os estudos sobre o Mundo Antigo.

3. Ainda na década de 1980, o diálogo da História com a Antropologia levou os historiadores a se interessarem pelo corpo como uma variável importante para a construção de laços sociais. Desse modo, os valores, gestos e as práticas impostos aos corpos foram percebidos como elementos característicos de determinada cultura consoante sistemas de valores igualmente específicos. Nesse sentido, poderia nos falar sobre a importância da Antropologia para o estudo do corpo na Antiguidade?

R: Considero a Antropologia como fundamental para estudo do corpo na Antiguidade e nos demais períodos históricos. Foram os antropólogos os primeiros a se voltarem para o campo das práticas corporais. Inclusive, a colaboração da Antropologia para o estudo do mundo clássico para além dos estudos do corpo, em especial no mundo helênico, é notável no grupo francês que formou, sob a direção de Jean-Pierre Vernant, o Centre Louis Gernet, que tinha como um dos princípios essenciais cruzar abordagens combinando a Antropologia com a História. Vale destacar que atualmente o Centre Louis Gernet foi dissolvido por fusão com o ANHIMA (Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques), cuja Antropologia continua a se fazer presente nas pesquisas. Quis fazer menção ao Centre Louis Gernet não para fugir da pergunta, mas para demonstrar que a Antropologia está presente desde longa data nas principais abordagens sobre o Mundo Antigo. Retorno à questão inicial me reportando às minhas pesquisas sobre o corpo que dialogam muito com a antropologia social, em especial com a brasileira, representada por José Carlos Rodrigues e o seu *Tabu do Corpo*, de 1975. Como vemos, nos anos 1970, a Antropologia Social, no Brasil, já demonstrava interesse pelo objeto corpo. Rodrigues concebe o corpo como construção sociocultural, defendendo que a sua representação social oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade. Isso porque, no corpo, está simbolicamente *impressa* a estrutura social. Apesar de concordar que o corpo é um complexo de símbolos, ele não é só simbólico; ele também é biológico. Porém, foi pelo viés da Antropologia que pude ter acesso a trabalhos que concebem o corpo como socialmente construído e ainda como metafórico, como a obra *Carne e pedra*, do sociólogo Richard Sennett, na qual o autor analisa, no primeiro capítulo, a

nudez do corpo na Grécia de Péricles. Corpo e nudez são entendidas como metáforas da sociedade. Também no campo da Antropologia e da Sociologia, cito os trabalhos de David Le Breton, que são importantes para as minhas análises. No caso das minhas pesquisas sobre o feminino e as práticas esportivas no mundo grego antigo, a relação com a Antropologia foi um divisor significativo; sem esse diálogo, talvez tivesse avançado bem menos em minhas conclusões. Não poderia deixar de mencionar ainda a importância da obra *Sociologia e Antropologia*, de Marcel Mauss (1950), que trata das técnicas corporais.

4. Em sua concepção, a centralidade do corpo como um complexo simbólico e meio de expressão cultural já é algo consolidado entre os historiadores brasileiros ou o corpo ainda é visto como um objeto de estudo menos importante?

R: Bem, não teria condições de afirmar com precisão que o corpo como complexo simbólico e meio de expressão cultural já tenha se tornado, entre os historiadores brasileiros, algo consolidado. Sinceramente tenho poucas informações sobre pesquisas cujos objetos de estudo sejam o corpo e que as suas abordagens privilegiem um viés de construção sociocultural dos corpos. Mas esse meu desconhecimento sobre a existência de pesquisas sendo desenvolvidas sobre o corpo na historiografia brasileira, em especial na área de Antiguidade, também não pode ser usado para solidificar uma ideia de que os historiadores brasileiros considerem tal objeto de estudo como “inferior”. Até mesmo porque considero que os trabalhos historiográficos em História Cultural se mostram fortes e crescentes no país.

5. A impossibilidade de se pensar o processo de construção dos papéis sociais femininos e masculinos desvinculado das representações corporais estabelece certa confusão entre o campo da História do Corpo e o dos Estudos de Gênero. No caso da Antiguidade, qual seria a melhor maneira de evitar que uma análise sobre o corpo seja eclipsada pelos estudos de gênero?

R: Particularmente, não vejo qualquer problema no que você chama de “certa confusão entre o campo da História do Corpo e o dos Estudos de Gênero”. Penso que os dois campos podem manter um diálogo profícuo e muito interessante, pois ambos discutem as relações de poder que são estabelecidas em uma sociedade e as concebem como social e culturalmente construídas. Até porque, assim como os Estudos de Gênero, me arrisco a afirmar que as práticas corporais já constituam um campo consolidado. Nas minhas leituras sobre práticas corporais, sinceramente, nunca observei esse quadro claro do corpo sendo eclipsado

pelos Estudos de Gênero. Nas pesquisas desenvolvidas por mim, conforme mencionei ao responder à primeira pergunta, a análise das práticas corporais é frequentemente feita sob a ótica das relações de gênero. Entendo que as relações de gênero – e a masculinidade propriamente dita, no caso dos atletas – têm nos corpos uma de suas formas de expressão. Porém, é claro, que outras possibilidades de análise são viáveis para os estudos do corpo sem uma relação direta com o gênero, como demonstram alguns trabalhos aos quais temos acesso. As pesquisas dos diversos especialistas reunidas na obra *História do Corpo*, sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello, que discutem as práticas corporais nos seus vários recortes temporais e espaciais, são exemplos claros da possibilidade de discutir o corpo não associado imediatamente às relações de gênero. Bem, quanto às maneiras de se evitar que a análise do corpo seja eclipsada pelos Estudos de Gênero, penso que o pesquisador, caso seja do seu interesse evitar esse *eclipse* entre esses dois campos de estudos, deve construir o seu objeto de estudo e escolher recortes teórico-metodológicos que o resguardem dessa situação de *diluição* do corpo nos Estudos de Gênero. Particularmente, as minhas pesquisas não incorrem, suponho eu, pelo menos, nessa situação apresentada no enunciado de sua pergunta. Corpo e gênero mantêm, nos meus textos, relações muitas vezes estreitas, mas não de subordinação teórica de um conceito ao outro. O que defendo é que corpo, assim como gênero, são historicamente construídos; obviamente sem negar que o corpo não é unicamente simbólico, ele também é biológico.

6. *Em mais de uma ocasião, o senhor se dedicou à análise do corpo feminino na Atenas Clássica, mas uma limitação evidente das investigações sobre o assunto diz respeito à escassez de testemunhos produzidos, na Antiguidade, sobre e pelas mulheres. Como lidar com essa situação?*

R: A escassez de documentação sobre o Mundo Antigo é um fato conhecido por todos, sobretudo se comparado com os demais períodos históricos. A situação se complica quando pensamos nos textos produzidos sobre os grupos femininos e se agrava mais no que se refere aos textos produzidos pelas mulheres no Mundo Antigo. No caso da sociedade grega, em especial, temos o caso clássico de Safo, pois possuímos alguns dos seus poemas. Porém, isto não significa dizer que desconhecemos a existência de outras mulheres que tenham se dedicado à poesia na Grécia antiga. Temos, por exemplo, na primeira geração dos pitagóricos, a presença de cinco poetisas: Theano, Perictione, Phintys, Myia e Méliissa. Particularmente, eu lido com essa situação dialogando com *corpora* de documentação de naturezas diversificadas. Os textos literários fornecem indícios da atuação feminina fora do modelo idealizado e a cultura material consegue ampliar tais registros. Desde o início

de minhas pesquisas, essa interação entre textos escritos e aqueles advindos da cultura material tem sido a forma que encontro para contornar essa escassez de documentos sobre o feminino. Defendo que nós, historiadores, devemos explorar as diferenças e as contradições entre os documentos. Já nos encontramos esclarecidos sobre o fato de que a História não é construída exclusivamente com documentos escritos e que o acesso aos segmentos sociais pouco visíveis – aqui podemos pensar nos grupos femininos – é muitas vezes facilitado pela documentação arqueológica.

7. Tendo em vista suas reflexões sobre os corpos dos atletas, podemos afirmar que, desde a Antiguidade, o esporte foi uma das principais modalidades culturais que contribuíram para o controle dos corpos. Sendo assim, e levando em consideração o fato de que o historiador, ao se dedicar ao estudo do passado, nunca perde a conexão com o tempo presente, seria possível traçar uma continuidade na maneira como o esporte disciplinava os corpos dos atletas na Atenas Clássica e como isso ocorre no mundo contemporâneo?

R: Com certeza, sim. Não podemos perder de vista que as práticas esportivas são diferentes no tempo e no espaço e que a cultura do corpo, seu conteúdo e suas características se modificam ao curso da história. Mas fazendo alusão a Norbert Elias, digo que, na Antiguidade, bem como na Contemporaneidade, as práticas esportivas se inserem no campo de um *processo civilizador*. Pesquisadores sobre os esportes na atualidade defendem, em sua maioria, que eles constituem uma prática que proporciona a descarga de energia libidinal constrangida por um processo civilizatório, sendo uma atividade substitutiva para a guerra que diverte, dá prazer, ensina obediência a regras, fortalece e disciplina o corpo, serve para construir identidades pessoais, locais ou nacionais, etc. Ao refletirem sobre masculinidades e práticas esportivas, esses mesmos pesquisadores afirmam que o esporte é um *locus* propício para a construção da masculinidade, porque apresenta aspectos de competição, violência e combate que, mesmo ritualizados, são considerados atributos da masculinidade. Podemos afirmar que os historiadores do esporte concordam que este, de certa forma, é um fenômeno humano universal, que o *agonismo* (“competitividade, agressividade”) é fundamental para a socialização e a sobrevivência humana e que esses temas agonísticos estão enormemente espalhados pelos mitos e pela literatura. Na Antiguidade grega, os *agônes* esportivos faziam parte do processo de *paideía* (educação/cultura) que visava, dentre outros objetivos, a formar o cidadão. Muitas das virtudes esperadas em um cidadão eram propiciadas ou explicitadas pelas práticas esportivas, como a força, a agilidade, o *desnudamento*, coragem, virilidade e

honra. Nos aspectos de formação de disciplina, de controle de si, de processo civilizacional podemos observar uma permanência entre os mundos antigo e contemporâneo.

8. Ao analisar as representações dos corpos dos atletas na cerâmica ática, o senhor mostra que, apesar dos textos literários constituírem um 'corpus' indispensável para a compreensão dos usos do esporte na Grécia antiga, as evidências mais abundantes acerca das práticas esportivas advêm da iconografia. Desse modo, pergunto: por que o esporte se encontra mais documentado nas fontes imagéticas quando comparado às fontes escritas?

R: Eu vou tomar a liberdade para responder através de um viés mais qualitativo. Assim, arriscaria a dizer que as imagens oferecem uma diversidade maior de informações sobre a vida cotidiana dos gregos antigos. Situação diferente caracteriza a documentação literária, que nem sempre tem as situações cotidianas como seus interesses de abordagem. Há uma opção dos pintores e, sobretudo, do mercado consumidor pelos aspectos cotidianos da vida que poderiam servir como exemplos a serem seguidos pelos receptores ou pelas cenas míticas, que reforçariam, assim acreditamos, uma noção de identidade social. Porém, esse quadro não se restringe às cenas de práticas esportivas. As temáticas de gineceu e as míticas, conforme mencionamos, também predominam na imagética ática. No que se refere ao trabalho com essas duas naturezas de documentação – a literária e a imagética –, podemos elencar pelo menos duas de suas diferenças. A primeira diz respeito propriamente à amplitude de abrangência de suas mensagens e de sua circulação, e a segunda se refere à própria construção temporal das ações de sua narrativa. Quanto ao primeiro aspecto, afirmamos que o alcance das mensagens veiculadas nas imagens era seguramente mais amplo do que o difundido pela literatura, pois a cerâmica circulava em um âmbito mais extenso, incluindo pobres e ricos, além de letrados e iletrados. Quanto à segunda, podemos constatar que a imagem é um texto narrativo que conta e explica algo de forma sincrônica, isto é, ela exhibe o todo de uma só vez; diferentemente de um texto escrito, que é necessariamente diacrônico, apresentando as suas ações narrativas em tempos discursivos sequenciais.

9. Suas investigações sobre as representações do corpo na Grécia antiga revelam a necessidade de um diálogo permanente da História com a Arqueologia, a Antropologia e a Semiótica. Em sua opinião, é possível afirmar que, entre os pesquisadores brasileiros que se dedicam ao estudo da Antiguidade haja a tendência à superação das fronteiras que separam essas áreas?

R: Com certeza, é possível sim. Defenderia que a História Antiga é essencialmente interdisciplinar. Tenho dificuldades para pensar um objeto de estudo sobre o Mundo Antigo que não requeira, para a sua interpretação, uma postura interdisciplinar entre a História, a Literatura, a Arqueologia, a Antropologia... Temas tão em voga na História Antiga atualmente são essencialmente interdisciplinares. Pensemos nas práticas corporais (nosso assunto nessa entrevista), nas emoções (aproveito para ressaltar que a História das Emoções tem despertado o interesse de especialistas do Mundo Antigo), na etnicidade, nas relações de identidade e de alteridade, no espaço, na sexualidade, nas redes (*networks*), nas conexões mediterrânicas, entre outros. Todas essas temáticas são por si sós interdisciplinares. E a interdisciplinaridade acontece tanto nas escolhas teórico-metodológicas da pesquisa quanto na montagem dos *corpora* de documentação.

10. Por ser uma área recente da historiografia, decerto ainda há muito a explorar sobre as representações e práticas do corpo na Antiguidade. Como o senhor enxerga o futuro desse domínio de estudos no Brasil?

R: Eu enxergo como promissor o domínio dos estudos das práticas corporais na historiografia brasileira, assim como na produzida no exterior. Até porque vivemos em uma sociedade na qual as imagens e a exposição predominam e, quanto a isso, os corpos e os interesses sobre eles ganham destaque, seja no aspecto estético, seja no de saúde. É bastante pertinente pensarmos nessas questões de como lidamos com os corpos em um contexto atual marcado por um retrocesso no que se refere às tais pautas de costumes. Outro fator a ser ressaltado é a possibilidade de vincularmos aos estudos do corpo outras temáticas tão presentes na contemporaneidade e que têm sido importantes para o campo da História Antiga, como as noções de beleza e de nudez, assim como as relações de gênero. Detendo-me um pouco acerca das noções de beleza e de nudez, temos especialistas no mundo grego afirmando que, no discurso iconográfico ateniense, por exemplo, a beleza masculina remete à virtude, já a feminina, à sedução, que é manipulada por meio de subterfúgios. Vestimentas e óleos perfumados são exemplos desses subterfúgios femininos. Podemos defender que, no esquema cênico ático, as imagens dos corpos jovens e esbeltos definem o ideal estético da beleza de homens e de mulheres. A ideia de corpo perfeito é abordada por Simon Goldhill (2007), na obra *Amor, sexo & tragédia: como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje*, publicada pela Jorge Zahar, como um aspecto de permanência ressignificada entre a cultura clássica e nós. A partir desse quadro e também daquele marcado pelo interesse crescente por temas mais do campo da História Cultural, penso que o interesse pelas práticas corporais tende a se ampliar e a se fortalecer como objeto de estudo da História Antiga.